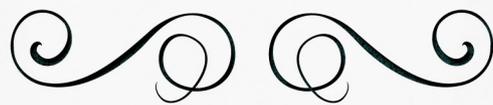




A Última Palavra de Cristo na Cruz



C. H. Spurgeon



Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado



A Última Palavra de Nosso Senhor na Cruz

C. H. Spurgeon

A Última Palavra de Nosso Senhor na Cruz

Nº.2311

Sermão pregado na noite de Domingo, 9 de Junho de 1889

Por Charles Haddon Spurgeon

No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres.

E selecionado para leitura em 4 de junho de 1893

Então Jesus, clamando em alta voz, disse: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito. E havendo dito isso, expirou”.

Lucas 23: 46.

Estas foram as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo ao morrer: *“Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”*. Poderia ser instrutivo que lhes recordasse que foram sete as palavras de Cristo na cruz. Se denominamos cada um de Seus clamores ou expressões com o título de: “uma palavra”, então falaremos das últimas sete palavras do nosso Senhor Jesus Cristo. Permitam-me repassá-las neste momento:

A primeira palavra, quando o cravaram na cruz, foi: *“Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem”*. Lucas preservou esta palavra. Mais tarde, quando um dos ladrões disse a Jesus: *“Lembra-te de mim quando entrares no teu reino”*, Jesus respondeu: *“De certo te digo que hoje estarás comigo no paraíso”*. Esta palavra também foi preservada cuidadosamente por Lucas. Mais adiante, estando em grande agonia, nosso Senhor viu Sua mãe, que estava junto à cruz com um coração quebrantado; observou-a com amor e dor indizível, e lhe disse: *“Mulher, eis aqui teu filho”*; e ao discípulo amado disse: *“Eis aqui tua mãe”*, e assim forneceu um lugar para ela quando partisse. Esta expressão foi preservada unicamente por João.

A quarta e mais central das sete palavras foi: *“Eloi, Eloi, lama sabactani?, que traduzido é: Deus meu, Deus, por que me desamparaste?”* Esta foi a culminação de Sua dor, o ponto central de toda Sua agonia. Essa palavra, a mais terrível que jamais brotará de lábios de homens para expressar a quintessência de uma agonia agudíssima, é sabiamente colocada em quarto lugar, como se exigiu de três palavras na vanguarda e de três palavras na retaguarda como suas guarda-costas. Descreve a um homem bom, a um filho de Deus, ao Filho de Deus, desamparado por Seu Deus. Essa palavra no centro das sete se encontra em Mateus e Marcos, mas em Lucas e João não. A quinta palavra foi preservada por João e é: *“Tenho sede”*, a mais breve, mas,

talvez, não a mais incisiva de todas as palavras do Senhor, ainda sob um aspecto corporal, possivelmente seja a mais dilacerante de todas elas. João entesourou também outra palavra preciosa de Jesus Cristo desde a cruz, aquela prodigiosa palavra: “*Está consumado*”. Essa foi a penúltima palavra: “*Está consumado*”, o resumo da obra de toda Sua vida, pois não deixava nada pendente, nenhum fio foi retalhado, toda a urdidura da redenção havia sido tecida igual Sua túnica: de cima até embaixo, e consumada a perfeição. Depois que disse: “*Está consumado*”, pronunciou a última palavra: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*”, que tomei como nosso texto essa noite, pelo qual nos aproximamos de imediato.

Diversos autores têm dito muitas coisas acerca destas sete palavras desde a cruz; e se bem eu li o que muitos deles escreveram, não poderia acrescentar nada ao que já foi dito, pois se deleitaram em refletir amplamente sobre estas sete últimas palavras; e a respeito disso, os escritores mais antigos da que seria chamada escola católica romana, não podiam ser superados, nem sequer pelos protestantes, em sua intensa devoção por cada letra das palavras agonizantes do nosso Salvador; e eles descobrem algumas vezes novos significados, mais ricos e mais raros que qualquer dos que se lhes poderia haver ocorrido às mentes mais engenhosas dos críticos modernos, que como regra são grandemente renomados com os olhos de uma topeira: são capazes de ver onde não há nada que se possa ver, mas são sempre incapazes de ver quando há algo digno de se ver. Se a crítica moderna – e o mesmo sucede com a teologia moderna – fosse localizada no Jardim do Éden, não veria nenhuma flor. É como o vento do Deserto que explode e queima, mas não tem orvalho nem unção; de fato, é totalmente o oposto dessas coisas preciosas, que é incapaz de agraciar os homens.

Agora, em referência a estas sete palavras da cruz, muitos autores têm extraído delas lições concernentes a sete deveres. Escutem. Quando nosso Senhor disse: “*Pai, perdoa-os*”, nos disse a nós, Em vigor: “*Perdoai vossos inimigos*”, mesmo quando abusarem de ti malignamente e te causarem dor terrível, deves estar disposto a perdoá-los. Deves ser como a árvore do sândalo, que perfuma o machado que a derruba. Deves ser muito benevolente, amável e amoroso, e esta deve ser sua oração: “*Pai, perdoa-os*”.

O seguinte dever é extraído da segunda palavra, e se trata *do dever de penitência e da fé em Cristo*, pois Ele disse ao ladrão moribundo: “*Hoje mesmo estarás comigo no paraíso*” Você tem confessado seu pecado como ele o fez? Tem sua fé e devoção? Então, você será aceito igual ele foi. Aprenda, então, da segunda palavra, o dever da penitência e da fé.

Quando nosso Senhor, na terceira palavra, disse a Sua mãe: “*Mulher, eis aqui teu filho*”, nos ensinou o dever do amor filial. Nenhum cristão deve carecer de amor por sua mãe, por seu pai, por aqueles que são seus entes queridos pelas relações que Deus tem estabelecido que nós observássemos. Oh, pelo amor agonizante de Cristo, por Sua mãe, nenhum homem presente aqui deve

despojar-se da sua condição de homem ouvindo a sua mãe! Ela te gerou; sustentá-la na velhice, e protegê-la amorosamente até o fim.

A quarta palavra de Jesus Cristo nos ensina o dever *de nos agarrarmos a Deus e de confiar nEle*: “Deus meu, Deus meu”. Vejam como se apega a Ele com ambas as mãos: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*”? Não pode suportar ser abandonado por Deus; todo o mais lhe causa pouca pena em comparação com a angústia de ser desamparado por Deus. Então, aprenda a agarrar-se a Deus, sujeitar-se a Ele com as mãos da fé, se pensas que Ele tem te desamparado, clama a Ele, e Lhe diz: “Faz-me compreender por que contendes comigo, pois não posso suportar estar sem Ti”.

A quinta palavra, “*Tenho sede*”, nos ensina a *valorizar altamente o cumprimento da Palavra de Deus*. “*Depois disto, sabendo Jesus que já estava tudo consumado, disse, para que a Escritura se cumpra: Tenho sede*”. Preste muita atenção, em toda Sua dor e debilidade, a preservar a Palavra de Deus, a obedecer ao preceito, a aprender a doutrina e a deleitar-se na promessa. Assim como o Senhor, em Sua grande angústia disse: “*Tenho sede*”, porque estava escrito que Ele diria isso, você tem que ter em consideração a Palavra de Deus, inclusive nas pequenas coisas.

A sexta palavra, “*Está consumado*”, no ensina *obediência perfeita*. Agarre-se ao cumprimento do mandamento de Deus; não deixe de fora nenhum mandamento, e siga obedecendo até que possa dizer: “*Está consumado*”. Faz a obra de sua vida, obedeça seu Mestre, sofra ou sirva de acordo com a Sua vontade, mas não descanse até que possa dizer com teu Senhor: “*Está consumado. Eu acabei a obra que disseste para fazer.*”

E a última palavra. “*Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito*”, nos ensina *renúncia*. Entregue todas as coisas, entregue inclusive seu espírito a Deus e a Seu mandato. Mantenha-se quieto e submeta-se plenamente ao Senhor, e que essa seja sua disposição do princípio ao fim: “*Em tuas mãos, meu Pai, entrego meu espírito*”.

Eu penso que esse estudo das últimas palavras de Cristo deveria interessá-los; portanto, permitam-me demorar um pouco mais no tema. Essas sete palavras da cruz nos ensinam também algo acerca dos *atributos e ofícios do nosso Senhor*. São sete janelas de ágatas e portões de carbúnculos³ através das quais podem vê-Lo e chegar-se a Ele.

Primeiro, você quer vê-Lo como *Intercessor*? Então, Ele clama: “*Pai, perdoa-os, porque não sabem o que fazem*”. Querem contemplá-lo *como Rei*? Então, olhe Sua segunda palavra: “*Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso*”. Quer identificá-lo como um terno *Guardião*? Olhem-no dizer a Maria: “*Mulher, eis aqui teu filho*”, e a João: “*Eis aqui tua mãe*”. Querem espionar dentro do abismo profundo das agonias de Sua alma? Olhem-no clamar: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*”? Quer entender a realidade e a

intensidade de Seus sofrimentos corporais? Então, olhem-no dizer: “*Tenho sede*”, pois há algo diferente na tortura da sede quando essa é provocada pela febre das feridas sangrentas. Os homens que têm perdido muito sangue no campo da batalha são devorados pela sede, e nos comentam que é a pior de todas as torturas. “*Tenho sede*”, disse Jesus. Contemple o Sofrimento no corpo, e entenda como Ele pode identificar-se com quem sofre, já que sofreu tanto na cruz.

Quer vê-lo como o Consumador de sua salvação? Então, escute seu clamor: “*Consummatum est*”, “*Está consumado*”. Oh, que nota tão gloriosa! Aqui você vê o bendito Consumador de sua fé. E, claro, quer dar mais uma olhada e entender quão voluntário foi Seu sofrimento? Então, olhem-no dizer, não como alguém que tem sua vida roubada, mas como alguém que toma Sua alma e a entrega para a custódia do outro: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*”.

Por acaso não há muito a aprender dessas palavras da cruz? Certamente estas sete notas constituem uma assombrosa escala musical, se nós soubermos como escutá-las. Permitam-me recorrer à escala novamente. Aqui, primeiro, têm a comunhão de Cristo com os homens: “*Pai, perdoa-os*”. Ele está junto dos pecadores e tenta fazer uma apologia a favor deles. “*Não sabem o que fazem*”. Aqui temos, continuando, *Seu poder de Rei*. Ele abre largamente as portas do céu para o ladrão moribundo, e o faz passar. “*Hoje mesmo estarás comigo no paraíso*”. Em terceiro lugar, contemplem *Sua relação humana*. Ele é nosso parente mui próximo! “*Mulher, eis aqui teu filho*”. Recordem como disse: “*Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, e irmã, e mãe*”. Ele é osso dos nossos ossos e carne da nossa carne. Ele pertence à família humana. É mais homem que qualquer homem. Tão certamente como Deus é Deus verdadeiro, Ele é também homem muito verdadeiro, tomando para Si a natureza, não somente de judeu, mas também de gentio. Pertencendo a Sua própria nacionalidade, mas elevando-se acima de todas, Ele é o Homem dos homens, o Filho do Homem.

Vejam-No, em seguida, *removendo nosso pecado*. Vocês se perguntarão: “*Qual nota é essa?*” Bem, todas elas são para tal efeito; mas está o é principalmente: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” Foi porque Ele mesmo levou nossos pecados em Seu corpo, sobre o madeiro, que foi desamparado por Deus. “*Eloi, Eloi, lama sabctani*” Contemplem-no, em sua quinta palavra: “*Tenho sede*”, tomando, não apenas nosso pecado, *mas também nossa debilidade e todo o sofrimento de nossa natureza corporal*. Então, se vocês querem ver Sua plenitude, assim como Sua debilidade, e se querem ver Sua suficiência em tudo, assim como também Sua aflição, ouçam-no exclamar: “*Está consumado*”. Que plenitude maravilhosa há nessa nota! Toda a redenção está cumprida, toda ela está completa; toda ela é perfeita. Nada permaneceu pendente, nem uma só gota de amargura na taça do fel; Jesus bebeu até a última gota dela. Nem meia nota deve ser somada ao preço do resgate; Jesus pagou por tudo. Contemplem Sua plenitude no clamor:

“*Está consumado*”. E, logo, se vocês querem ver como Ele nos têm reconciliado com Deus, contemplem-no: o Varão se fez maldição por nós, retornando a Seu Pai com uma bênção, e levando-nos com Ele, quando leva todos nós ao alto por essa última palavra amada: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*”.

“Agora a Fiança e o pecador estão livres”.

Cristo retorna ao Pai, pois: “*Está consumado*”, e vocês e eu vamos ao Pai por meio de Sua obra perfeita.

Só tenho praticado duas ou três músicas que podem ser tocadas com esta harpa, mas é um instrumento maravilhoso. Se não fosse uma harpa de dez cordas, seria, de qualquer maneira, um instrumento de sete cordas, e nem o tempo nem a eternidade seriam capazes de extrair jamais toda a música. Essas sete palavras agonizantes do Cristo sempre vivo tocarão para nós a melodia na glória ao longo de todas as idades da eternidade.

Agora vou pedir sua atenção por um breve tempo no mesmo texto: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*”. Vê aí nosso Senhor? Mesmo morrendo, Seu rosto olha para o homem. Sua última palavra para o homem é este clamor: “*Está consumado*”. Poderia se encontrar uma palavra mais seleta com a qual Ele poderia dizer-te “*Adieu*” (Adeus) na hora da morte? Ele te disse que não há de temer que Sua obra seja imperfeita, que não tem de tremer porque poderia resultar em algo insuficiente. Ele fala e lhe declara com Sua palavra agonizante: “*Está consumado*”.

Agora que terminou de falar contigo, volta Seu rosto para outra direção. Pense nessas palavras, e que possam ser também *suas* primeiras palavras quando retornou para Seu Pai! Que você possa falar assim ao teu Pai Divino na hora da morte! As palavras foram muito manuseadas nos tempos dos católicos romanos; mas não se danificaram, nem sequer por isso. Elas costumavam ser expressas em latim pelos moribundos: “*In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*”. (Senhor, em tuas mãos entrego meu espírito). Todo moribundo costumava tentar dizer estas palavras em latim, e se não o fazia, alguém tratava de dizê-las por ele. Foram convertidas em uma espécie de feitiço de feitiçeira; e assim, em latim perderam essa doçura para nossos ouvidos, mas no idioma inglês sempre serão como a própria essência da música para um santo moribundo: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*”.

É digno de advertir-se que as últimas palavras que nosso Senhor expressou, foram tomadas das Escrituras. Esta frase é tomada - e me atrevo a dizer que a maioria de vocês o sabe - do Salmo 31, do versículo cinco. Jesus não era daqueles que tem pouca consideração pela Palavra de Deus. Estava saturado dela. Estava tão cheio da Escritura como a lã de Gideão estava cheia de orvalho. Não podia falar, nem sequer em Sua morte, sem citar a Escritura. Assim é como Davi o expressou: “*Em tuas mãos entrego meu espírito; tu me tens redimido, oh Jeová, Deus de verdade*”.

Agora, amados, o Salvador alterou essa passagem, pois do contrário não se haveria adequado a Ele. Vocês vem que primeiro Ele foi obrigado a agregar-lhe algo, a fim de que se adequasse ao Seu próprio caso? Que foi o que lhe agregou? Pois bem, essa palavra: “Pai”. Davi disse: “*Em tuas mãos entrego meu espírito*”; mas Jesus disse: “*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*”. É um avanço abençoado! Ele sabia mais do que Davi sabia, pois Ele era mais Filho de Deus do que Davi poderia ser. Ele era o Filho de Deus em um sentido mui excelso e especial por filiação eterna; e assim começou a oração com: “Pai”. Mas logo ocultou algo. Era necessário que o fizesse. Pois Davi disse: “Em tuas mãos entrego meu espírito, tu tens me redimido”. Nosso bendito Mestre não foi redimido, pois Ele é o Redentor, e poderia ter dito: “*Em tuas mãos entrego meu espírito, pois redimi meu povo*”, mas decidiu não dizer isso. Ele simplesmente tomou aquela parte que se lhe adequava, e a usou como Sua: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”.

Oh, meus irmãos, vocês não fariam nada melhor, depois de tudo, que citar a Escritura, especialmente em oração. Não há orações tão boas como aquelas que estão saturadas da palavra de Deus. Que toda nossa conversação estivesse temperada com textos! Eu desejaria que estivessem mais. Nós ríamos de nossos antepassados puritanos porque os próprios nomes de seus filhos eram selecionados de passagens da Escritura, mas eu, de minha parte, preferiria que rissem de mim por falar muito da Escritura do que por falar tanto de novelas sem nenhum valor, romances com os quais – me envergonho dizer – são preenchidos muitos sermões de nossos dias, sim, preenchidos por novelas que não são aptas para serem lidas por homens decentes e que estão revestidas de tal maneira, que dificilmente se sabe se você está ouvindo acerca de um feito histórico ou unicamente de uma peça de ficção científica. Livra-nos, bom Deus, de tal abominação.

Podem ver, então, quão bem o Salvador usou a Escritura, e como, desde Sua primeira batalha com o diabo no deserto até Sua última luta com a morte na cruz, Sua arma sempre foi: “Está escrito”.

Agora chego ao próprio texto, e vou pregar sobre ele somente por um breve espaço de tempo. Ao fazê-lo, aprendamos a doutrina da última palavra na cruz, em segundo lugar, cumpramos o dever, e, em terceiro lugar, desfrutemos do privilégio.

I. Primeiro, APRENDAMOS A DOCTRINA da última palavra do nosso Senhor na cruz.

Qual é a doutrina dessa última palavra do nosso Senhor Jesus Cristo? “*Deus é Seu Pai, e Deus é nosso Pai*”, pois o Pai é o Pai de Cristo em um sentido mais excelso do que é nosso Pai; contudo, Ele não é mais verdadeiramente Pai de Cristo do que é nosso Pai, se temos crido em Jesus “*Todos são filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus*”. Jesus disse a Maria Madalena: “*Subo para meu Pai e*

vosso Pai, meu Deus e vosso Deus". Creiam na doutrina da Paternidade de Deus quanto a Seu povo. Tal como lhes adverti antes, abominem a doutrina da paternidade universal de Deus, pois é uma mentira e um profundo engano.

Primeiro, ela acerta punhaladas no coração da doutrina da adoção ensinada na Escritura, pois, como pode Deus adotar aos homens, se todos já são seus filhos? Em segundo lugar, acerta punhaladas no coração da doutrina da regeneração, que é certamente ensinada na palavra de Deus. Agora, é pela regeneração e pela fé que nos convertemos em filhos de Deus, mas, como poderia ser se já somos todos seus filhos? "*Para todos os que o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus, que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus*". Como poderia Deus dar aos homens o poder de torná-los Seus filhos se já tinham esse poder? Não creiam nessa mentira do diabo, mas antes, creiam na verdade de Deus: que Cristo e todos os que estão em Cristo mediante uma fé viva, podem regozijar-se na Paternidade de Deus.

Continuando, vocês devem aprender essa doutrina: que neste fato reside nosso principal consolo. Em nossa hora de tribulação, em nosso tempo de guerra, devemos dizer: "*Pai*". Notem que a primeira palavra da cruz é semelhante à última; a nota mais alta é como a mais baixa. Jesus começa com: "*Pai, perdoa-os*", e conclui com: "*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*". Peçam ajuda em qualquer dever rigoroso, clamando: "*Pai*". Para receber ajuda num sofrimento agudo e na morte, clamem: "*Pai*". Sua força principal reside em ser verdadeiramente um filho de Deus.

Aprendam a seguinte doutrina, *que morrer é ir para a casa de nosso Pai*. Não faz muito tempo, disse a um velho amigo: "O velho senhor 'Fulano de Tal' foi para a casa". Quis dizer que havia morrido. Ele comentou: "Sim, onde mais haveria de ir?" Quando nossos cabelos envelhecem e nosso labor do dia está cumprido, para onde iríamos senão para casa? Então, quando Cristo disse: "*Está consumado*", Sua palavra seguinte é, claro: "*Pai*". Ele concluiu Sua vida terrena, e agora irá para a casa no céu. Assim como um filho corre ao peito de sua mãe quando está cansado e quer dormir, assim Cristo disse: "*Pai*", antes de adormecer na morte.

Aprendam esta doutrina: que se Deus é nosso Pai, e nós consideramos como ir para casa quando morrermos porque vamos a Ele, então, Ele nos receberá. Não há nenhuma insinuação de que podemos entregar nosso espírito a Deus, e que, contudo, Ele não nos receberá. Recordem como Estevão clamou sob uma chuva de pedras: "*Senhor Jesus, recebe meu espírito*". De qualquer maneira que morremos, temos de fazer dessa nossa última emoção ainda que não seja nossa última expressão: "*Pai, recebe meu espírito*". Não receberá nosso Pai celestial a Seus filhos? Se vocês, sendo maus, recebem a seus filhos ao cair da noite quando voltam para casa para dormir, seu Pai que está no céu não o receberá quando seu dia de labuta esteja concluído? Essa é a doutrina que temos que aprender desta última palavra da cruz: a Paternidade de Deus e tudo o que provém dela para os crentes.

II. Em segundo lugar, CUMPRAMOS COM O DEVER.

Esse dever me parece que é, primeiro, *a renúncia*. Sempre que algo lhes turbar e alarmar, submetam-se a Deus. Digam: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”. Cantem com Faber:

**“Eu me inclino à Tua vontade, oh Deus,
E adoro todos os Teus caminhos;
E cada dia que eu viver buscarei
Agradar-te mais e mais”.**

Continuando, aprendam *o dever da oração*. Quando vocês estão mergulhados em dor, quando estão rodeados por amargas aflições, tanto da mente como do corpo, sigam orando. Não abandonem o “Pai Nosso”. Não permitam que seus choros sejam dirigidos ao vento; não permitam que seus gemidos sejam antes ao médico ou sua enfermeira, mas vocês devem clamar: “Pai”. Por acaso o menino não clama que se perdeu no caminho? Se ele estiver escuro na noite, e se desperta em uma habitação solitária, não grita: “Pai”; e por acaso o coração de um pai não é comovido por esse grito? Há alguém aqui que nunca tenha clamado a Deus? Há alguém aqui que nunca tenha dito: “Pai”? Então, meu Pai, ponha Teu amor em seus corações, e os conduza a dizer esta noite: “*Me levantarei e irei a meu Pai*”. Você será reconhecido como filho de Deus se ressoar esse clamor em seu coração e em seus lábios.

O seguinte dever é *nossa entrega a Deus pela fé*. Entreguem-se a Deus, confiem em Deus. Cada manhã, quando se levantarem, tomem e ponham-se debaixo da custódia de Deus; encerrem-se, por assim dizer, no cofre da proteção divina; e cada noite, quando você tirar a chave da casa, antes de deitar-se para dormir, feche-a com a chave novamente, e ponham a chave na mão d’Aquele que é capaz de guardá-los quando a imagem da morte estiver em seu rosto. Antes de seu sonho, entreguem-se a Deus; quero dizer, façam isso quando não há nada que os aterrorize, quando tudo está tranquilo, quando o vento sopra suavemente do sul, e o barco se aproxima velozmente ao porto desejado, não se tranquilizem com sua própria tranquilidade. O que corta a carne por si mesmo, cortará os dedos e ainda terá um prato vazio. O que deixa que Deus trinche a carne por ele verá frequentemente espessos tutanos apresentados diante de si. Se puder confiar, Deus recompensará tua confiança de uma maneira que ainda não conheces.

E logo cumpram outro dever, *o da experimentação contínua e pessoal da presença de Deus*. “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”. “Tu estas aqui, eu sei que estas aqui. Percebo que estás aqui no tempo da aflição, e de perigo, e me ponho em Tuas mãos. Da mesma maneira que se alguém me atacasse, eu me entregaria à proteção de um policial, ou de um soldado, assim me entrego a Ti, Guardião invisível da noite, a ti, incansável Guarda do dia. Tu cobrirás

minha cabeça no dia da batalha. Debaixo das tuas asas confiarei como um pintinho se esconde debaixo da galinha”.

Observe, então, seus deveres. Consiste em submeter-se a Deus, em orar a Deus, em entregar-se a Deus, e descansar graças a sentir a presença de Deus. Que o Espírito de Deus te ajude na prática de tais deveres inestimáveis como estes!

III. Agora, por último, DEVEMOS GOZAR DO PRIVILÉGIO.

Primeiro, devemos gozar *do excelso privilégio de descansar em Deus em todos os tempos de perigo de dor*. O doutor acaba de anunciar que você terá que sofrer uma operação. Diga: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”. Existe toda a probabilidade de que essa sua debilidade, ou essa sua enfermidade, se agravará, e que imediatamente terás de repousar na cama, e permanecer ali, talvez, durante muitos dias. Então, diga: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”. Não te agonies, pois isso não lhe ajudará. Entregue-te a Deus – é privilégio seu fazê-lo – para que seja guardado por essas amadas mãos que foram perfuradas por ti, para que sejas entregue ao amor desse amado coração que foi aberto pela lança para comprar tua redenção. É PORTENTOSO o descanso do espírito que Deus pode proporcionar ao homem ou a mulher que se encontram na pior condição. Oh, como alguns dos mártires cantaram na fogueira! Como se regozijaram sobre o poço de tormento! A carvoeira de Bonner, do outro lado da água, em Fulham, onde deixavam os mártires, era um lugar infeliz para estar numa noite de frio no inverno; mas nos é informado que: “eles se animavam na palha, quando estavam na carvoeira; com o canto mais doce proveniente do céu, e quando Bonner lhes dizia: “Que vergonha que façam tanto barulho”!, eles lhe responderam que ele também faria barulho semelhante se estivesse feliz como eles estavam”. Quando confiar seu espírito a Deus, então você poderá gozar de um doce descanso em tempos de perigo e de dor.

O seguinte privilégio é o *de uma confiança valorosa no momento da morte, ou diante do temor da morte*. Fui conduzido a refletir sobre este texto, utilizando-o muitas vezes na noite de quinta-feira passada. Talvez nenhum de vocês esquecerá a noite de quinta-feira passada. Eu penso que nunca a esquecerei, ainda que chegue a ser tão velho como Matusalém. Daqui até que chegasse em casa, parecia que ia no meio de uma cortina de fogo, e quanto mais avançava, mais vívidos se tornavam os relâmpagos; mas quando finalmente cheguei próximo a Leigham Court Road, então os raios pareciam descer em barras do céu; e por fim, quando alcancei a última colina, se produziu um estrondo do tipo mais horripilante, e caiu uma torrente de granizo, pedras de granizo que não tentarei descrever, pois poderiam pensar que exagero, e então senti, e meu amigo sentiu o mesmo, que dificilmente poderíamos chegar vivos em casa. Encontramos-nos ali no próprio centro e no ápice da tormenta. Por todos os lados ao redor de nós, e por assim dizer, dentro de nós, não se via outra coisa que o fluido elétrico; e a destra de Deus parecia desnuda para a guerra.

Eu pensei então: “*Bem, agora mui provavelmente irei para casa*”, e entreguei meu espírito a Deus; e a partir daquele momento, ainda que não pudesse dizer que sentia prazer com os estrondos dos trovões e os clarões dos raios, me senti tão tranquilo como me sinto aqui nesse momento; talvez estava um pouco mais tranquilo do que me sinto na presença de tantas pessoas, pois me sentia feliz ao pensar que, em um instante, poderia entender mais que tudo o que poderia aprender na terra, e ver num instante mais do que poderia esperar ver se vivesse aqui durante um século. Eu somente podia dizer a meu amigo: “*Entreguemo-nos a Deus, sabemos que estamos cumprindo com nosso dever ao seguir adiante como o estamos fazendo, e tudo estará bem para nós*”. Então, só podíamos regozijar juntos diante da perspectiva de estarmos de imediato com Deus. Não fomos levados para a casa no carro de fogo; nos foi permitido seguir um pouco mais de tempo com a obra de nossa vida; mas experimentei a doçura de ser capaz de concluir com tudo, de não ter nenhum desejo, nenhuma vontade, nenhuma palavra, escassamente uma oração, e de somente elevar nosso coração e entregá-lo ao grandioso Guarda, dizendo: “Pai, cuida de mim. Debaixo do Teu cuidado hei de viver, e debaixo do Teu cuidado hei de dormir. A partir desse momento não tenho desejo de nada, há de ser como Tu queres. “Em tuas mãos entrego meu espírito”.

Este privilégio não consiste unicamente em ter descanso no perigo e confiança diante da perspectiva da morte; está cheio também de *gozo consumado*. Amados, se soubéssemos como entregar-nos nas mãos de Deus, que lugar é para que estejamos ali! Que lugar para estar ali; nas mãos de Deus! Há miríades de estrelas; até o próprio universo; a mão de Deus sustém todos os seus pilares eternos, e não caem. Se nos colocamos nas mãos de Deus, chegamos onde todas as coisas se apoiam, e temos um lar e felicidade. Saímos do nada da criatura e entramos na suficiência do Criador para tudo. Oh, ponham-se ali, apressem-se para estar ali, queridos amigos, e a partir de agora, vivam nas mãos de Deus!

"Está consumado". Vocês não concluíram, mas Cristo o fez. Tudo está consumado. O que terão de fazer será unicamente executar o que Ele já consumou para vocês, e mostrá-lo aos filhos dos homens em suas vidas. E posto que tudo está consumado, digam: "Agora, Pai, volto-me para Ti. Minha vida a partir de agora será estar em Ti. Meu gozo será nada na presença do Tudo em todos, morrer para entrar na vida eterna; fundir meu ego a Jeová, e deixar que minha humanidade, que minha condição de criatura viva unicamente para seu Criador, e manifeste unicamente a glória do Criador". Oh, amados, terminem esta noite e comecem amanhã de manhã com: "*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*". O Senhor esteja com todos vocês! Oh, se você nunca orou, que Deus te ajude a orar agora, por Jesus Cristo nosso Senhor! Amém.

**ORE PARA QUE O ESPIRITO SANTO USE ESSE SERMÃO PARA
TRAZER UM CONHECIMENTO SALVÍFICO DE JESUS CRISTO E PARA
EDIFICAÇÃO DA IGREJA**

FONTE:

Traduzido de <http://www.spurgeon.com.mx/sermon2311.html>

Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público e com autorização de Allan Roman.

Sermão nº 2311 — Volume 39 do *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*,

Tradução: Cesar Augusto Vargas Americo

Revisão: Armando Marcos

Capa: Victor Silva

Projeto Spurgeon - Proclamando a Cristo crucificado.

Projeto de tradução de sermões, devocionais e livros do pregador batista reformado Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) para glória de Deus em Cristo Jesus, pelo poder do Espírito Santo, para edificação da Igreja e salvação e conversão de incrédulos de seus pecados.

Acesse em: www.projetospurgeon.com.br

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site "Projeto Spurgeon" como fonte, bem como o link do site www.projetospurgeon.com.br. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material

Charles Haddon Spurgeon



Charles Haddon Spurgeon, comumente referido como C. H. Spurgeon (Kelvedon, Essex, 19 de junho de 1834 – Menton, 31 de janeiro de 1892), foi um pregador batista reformado britânico. Converteu-se ao cristianismo em 6 de janeiro de 1850, aos quinze anos de idade.

Aos dezesseis, pregou seu primeiro sermão; no ano seguinte tornou-se pastor de uma igreja batista em Waterbeach, Condado de Cambridgeshire (Inglaterra). Em 1854, Spurgeon, então com vinte anos, foi chamado para ser pastor na capela de New Park Street, Londres, que mais tarde viria a chamar-se Tabernáculo Metropolitano, transferindo-se para novo prédio.

Desde o início do ministério, seu talento para a exposição dos textos bíblicos foi considerado extraordinário. E sua excelência na pregação nas Escrituras Bíblicas lhe deram o título de *O Príncipe dos Pregadores* e *O Último dos Puritanos*.